REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 364

1 DE FEVEREIRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Aqui ha poucos annos, em 1884 ou 1885 se bem nos lembra, appareceu em Lisboa uma publicação quinzenal intitulada *Revista Theatral*, e que se occupava exclusivamente de criticas de peças, de theorias d'artes scenicas, de apreciações d'artistas estrangeiros e nacionaes, em summa de todos os assumptos que dizem respeito a theatro.

Essa publicação era dirigida pelos seus proprietarios, dois rapazes intelligentes e illustrados, os srs Collares Pereira e Joaquim Miranda, dois rapazes muito conhecidos em Lisboa, que pertencentes a familias abastadas e tendo com que viver á larga, não vinham procurar no jornalismo um meio de vida.

E isso comprehende-se desde o momento em que o jornal que fundaram era um jornal de theatro, um genero que nunca deu vintem entre nós, e que unicamente dá a quem o tenta com dignidade e imparcialidade, muito trabalho, muitas inimisades e um bom par de libras para fora da algibeira.

A *Revista Theatral* deu aos srs. Collares Pereira e Joaquim Miranda estes mesmos resultados como negocio: aguentaram a sua publicação um anno, e esse anno de jornalistas theatraes não lhes hade ter sahido tão barato como isso.

O jornal morreu e foi pena, porque prestava certos serviços á arte.

Os seus directores não traziam é facto para a critica litteraria e artistica a auctoridade dos seus nomes, na vespera ainda totalmente desconhecidos, não tinham atraz de si trabalhos litterarios que dessem força ás suas opiniões, valor ás suas criticas; mas essas criticas eram feitas com uma sinceridade e uma seriedade que compensavam a auctoridade que lhes faltava e a consciencia que havia nas apreciações da *Revista Theatral*, a urbanidade com que eram feitas, e a clareza com que todas as opiniões eram justificadas, impunham-as tanto ou mais que um nome illustre que as firmasse.

A *Revista Theatral* dizia francamente, imparcialmente, com uma imparcialidade e franqueza que n'uma terra pequena como a nossa, onde toda a gente se conhece, só se tem ordinariamente quando se é novo, e não se conhece nem se é conhecido por toda a gente, a sua opinião a respeito de tudo, de auctores e de actores, de peças e de desempenhos, mas dava sempre a razão do seu dito, e se nem sempre acertava, se muitas vezes os seus pontos de vista eram falsos, as suas criticas eram erradas, em todo o caso o que eram sempre, eram sinceras, desapaixonadas, convictas, expostas com um grande desassombro, com uma delicada cortezia, com uma evidente vontade de acertar.

E percebe-se perfeitamente quanto estes poderosos elementos são para apreciar n'uma critica e os serviços que criticas assim feitas e assim emittidas podem prestar em toda a parte, e muito especialmente entre nós, onde a noticia theatral e a noticia litteraria, produzida apenas, logo depois da representação da peça ou do apparecimento do livro, para não perder o interesse capital e de novidade, tem morto o artigo critico maduramente meditado, larga e amplamente escripto n'estas condições.

Os srs. Collares Pereira e Joaquim Miranda, como já dissemos, não trouxeram para a critica dramatica, nem a auctoridade dos seus nomes, nem a sciencia de largos estudos, impossiveis nas suas curtas edades, mas alem da seriedade, imparcialidade e boa vontade que em compensação traziam, traziam tambem um grande amor por cousas de theatro, as remeniscencias das suas viagens a Paris, onde as representações theatraes tinham constituido o seu principal prazer de *touristes*.

Acabado o jornal, os seus directores não se deixaram completamente de pensar em theatro: assiduos frequentadores de todas as *premières*, tendo enraizado já o gosto de assistir a todas as peças novas e de dizerem o que d'ellas pensavam, continuaram a fazer as suas criticas de theatro em folhetins semanaes dos grandes jornaes diarios — os unicos que comportam esse genero de folhetins — e assim o sr. Collares Pereira passou a ser o folhetinista dramatico do *Economista*; e o sr. Joaquim Miranda o critico dramatico da *Gazeta de Portugal* continuando a sua honrada campanha em pró da arte e da verdade.

Mas é raro aos criticos dramaticos o poderem resistir ás fascinações do theatro e á força de fazerem analyses das peças alheias, quasi nenhuns resistem a tentar fazer peças, elles proprios.

O sr. Joaquim Miranda tambem não resistiu a essa tentação, e é forçoso confessar que não se deu mal com sua não resistencia.

Ha já um anno que no archivo do theatro de D. Maria existe uma peça original d'elle, intitulada *N'guvo* e que ainda não viu a luz da rampa.

Essa peça porém não era a primeira que o distincto critico escrevia; a primeira foi um drama intimo em 4 actos intitulado *A culpa dos paes*, que o

P.e ANTONIO DE SOUSA BARROSO — SUPERIOR DA MISSÃO DO CONGO

(Segundo uma photographia de Muniz Martinez)

seu auctor, com um bom senso que muito o honra, não pensou em fazer representar no primeiro theatro do paiz, e que, com uma modestia não muito vulgar, foi levar a um theatro secundario, sem pretenções nem vaidades.

A culpa dos paes, subiu finalmente á scena no dia 25 de janeiro no theatro do Principe Real, em beneficio da actriz Maria das Dores, e nós que nunca por vontade faltámos á primeira representação d'uma peça original, não faltámos a essa, que de mais a mais tinha para nós toda a curiosidade d'uma estreia, e d'estreia d'um rapaz cuja intelligencia muito admiramos, e cuja boa vontade e dedicação por trabalhos theatraes muito applaudimos.

Fomos e não nos arrependemos de ter ido, porque tivemos o prazer de assistir a uma estreia notavel e de applaudir no seu alvorecer um auctor dramatico de quem ha muito a esperar.

A culpa dos paes não é decerto uma obra prima, nem tem a isso pretensões.

Precisamente a falta d'essas pretenções, a simplicidade como a peça está feita constituem uma das suas maiores qualidades.

O auctor não pretendeu resolver nenhum grande problema moral ou social, não pensou em abrir novos caminhos ao drama moderno, não teve velleidades nem de trazer uma novidade para o theatro, nem de revolver profundamente a alma dos seus espectadores.

Imaginou um caso simples e verosimil, um d'esses dramas intimos que todos os dias se passam no seio de muitas familias e de que ás vezes as partes de policia e os registos criminaes trazem algumas scenas de desenlace á publicidade, metteu esse caso n'um quadro profundamente portuguez, bem estudado e bem descripto, desenvolveu-o muito regularmente sem exaggeros melodramaticos, nem abusos de rhetorica estapafurdia, e eis o que fez o sr. Joaquim Miranda e somente o que elle quiz fazer:

O primeiro acto é indubitavelmente o melhor da peça, e bem representado esse acto produziria um effeito delicioso, d'um realismo doce, á maneira de Julio Diniz.

O segundo acto, o mais fraco de todos como interesse e contestura dramatica, é por uma compensação habilmente calculada, aquelle em que a parte comica predomina mais e em que o publico mais se ri.

Essa parte comica é produzida por um typo grotesco de jornalista poeta, aspirante a deputado e a ministro, que não tem novidade nenhuma em theatro, d'acordo, mas que é bem tratado pelo auctor, e bem desempenhado pelo actor Julio Vieira, de todos os artistas que entram na peça aquelle que mais nos agradou.

O terceiro acto é interessante e tem uma situação dramatica de effeito a situação culminante da peça, muito bem achada, mas que na maneira porque está preparada, trahe o *debutante* com as suas hesitações e falta de *metier*.

O ultimo acto foi o que nos agradou menos; é muito pesado e um pouco vago, não se comprehende bem, e os personagens perdem n'elle bastante da sua logica.

Fallamos com este desassombro da peça, primeiro porque a peça é d'um escriptor de talento, d'um trabalhador serio e convicto; segundo, porque o seu auctor é antes de tudo um critico de theatro e evidentemente hoje, a sangue frio, analysando serenamente a sua obra, estará vendo n'ella todos estes defeitos que lhe notamos; terceiro, porque entendemos que se se deve a verdade e a sinceridade a todos, muito mais se deve aquelles que principiam, e que principiam com tão notavel affirmação de talento, com tantos lisongeiros prenuncios de fazer largo e glorioso caminho.

E já que começamos hoje a fallar de trabalhos portuguezes, fallaremos d'uma porção de bellos livros originaes que n'estes ultimos dias nos tem visitado.

Tres d'esses livros são de versos.

Um, *O livro das soledades*, é uma encantadora compilação dos *cantares andaluzes*, uma mão cheia de perolas, que o talento de Fernandes Costa tem espalhado ha annos por varios jornaes de Lisboa.

Reunidos em volume, o illustre poeta poz-lhe o titulo de *Livro das soledades*.

Porque?

> Não sei ao certo dizer
> Porque tal nome lhes cabe;
> Qual a dôr que m'o inspirou
> O meu coração o sabe.

explica Fernandes Costa na ultima das magnificas 24 quadras com que prefaceia o seu livro.

As *soledades* são dedicadas á memoria querida da estremecida esposa do notavel escriptor, e n'essa dedicatoria que é uma verdadeira obra prima, poz Fernandes Costa toda a sua grande alma e todo o seu delicadissimo talento.

O *Livro das soledades* é publicado pela livraria Ferreira da rua do Ouro, n'uma formosa edição de luxo.

D'esta mesma livraria sahiram ha pouco dois livros d'estudo que temos tambem sobre a nossa meza.

São esses livros — os *Rudimentos de Litteratura* pelo Dr. Campos Fiel — pseudonymo d'um illustre homem de letras e poeta, cujo nome tem firmado muitos livros para as escolas, e *Elementos de Mineralogia* e de *Geologia* para uso dos Lyceus pelo fallecido naturalista Xavier d'Almeida, e accommodado aos programmas actuaes pelo sr. Cunha Sargedas.

A critica d'estes livros está feita na approvação que lhes dá o Conselho Superior d'Instrucção Publica, e na adopção que d'elles fazem os lyceus e as escolas officiaes.

O outro volume de versos são os *Canticos sadinos*, primeiras poesias do sr. Anuplio de Azevedo.

Entre esses canticos que nos vem do Sado, ha alguns lindissimos, que revelam a pujança do novo poeta.

A edição é bonita, e tem vinhetas graciosas firmadas por Julião Machado.

O terceiro volume de versos, é de Queiroz Ribeiro, um poeta portuense de notavel talento.

O grande merecimento do livro é ainda augmentado por uma esplendida carta em verso com que o prefacia Guerra Junqueiro.

Pensavamos poder escrever hoje de todos os livros que temos ao nosso lado, mas nem mesmo para simples noticias summarias, como as que temos feito, nos chega hoje o espaço.

São esses livros as *Mil e uma historias* de Julio Cesar Machado, os *Retalhinhos*, de Eduardo Coelho Junior, *A china e os chins*, um curioso livro de viagens do sr. Henrique Lisboa, publicado no fim do anno passado em Montevideu.

Esperamos muito em breve poder dar conta minuciosa d'estes interessantes livros.

Gervasio Lobato.

P.e ANTONIO DE SOUSA BARROSO

SUPERIOR DA MISSÃO DO CONGO

O benemerito missionario, cujo retrato publicamos, é natural de Remelhe, concelho de Barcellos, Archidiocese de Braga, e nasceu a 5 de novembro de 1854.

Seus paes possuindo uma pequena fortuna, e querendo perpetuar em seu filho nobres tradições de familia, lembraram-se de o destinar á carreira medica ou ao estado ecclesiastico, sacrificando para este fim o ultimo ceitil que possuissem, e todo o fructo de uma vida de trabalhos constantes e affectuosissimos. Era o sonho dourado da sua aspiração unica, e não poucas vezes diligenciaram meio para conseguirem o que desejavam.

A sorte, porém, que nem sempre protege as melhores causas, não os favorecia bastante, e nada fariam, se um seu visinho o sr. Bernardo d'Affonseca, latinista apaixonado, não se encarregasse de lhe ensinar a bella lingua de Horacio, lingua em que elle se distinguiu com aplauso dos seus conterraneos, e lhe deu ensejo para mais tarde brilhar pela correcção e elegancia de phrase.

Contava já os seus 17 annos, quando foi admittido a exame de latim e portuguez. Estudava na cidade de Braga, e ás loucuras de rapaz seus paes viram-se obrigados a responder mandando o recolher a casa, passando pelo desgosto de abandonar todos os seus estudos.

Já não pensavam na educação de seu filho, quando um seu primo, que foi ornamento do Collegio das Missões, o incitou a entrar n'esta casa e a destinar-se á vida de missionario. Com uma tal ou qual tendencia para o desconhecido, e attrahido pelo seu parente que o estremecia, deliberou requerer a sua admissão no Collegio de Sernache, e foi admittido a 3 de novembro de 1873, fazendo aqui um dos cursos mais distinctos, e tornando-se notavel pela seriedade do seu caracter e por todas as bellas qualidades que podem fazer um alumno recommendavel aos olhos dos seus superiores.

Em 15 d'outubro de 1879 cantou a sua primeira missa na pobre egreja da sua aldeia, prégando por essa occasião o seu condiscipulo e amigo, o actual lente da faculdade de theologia, que de proposito o acompanhou ao Minho, e lhe quiz dar este testemunho de sua dedicação e affecto, o sr. dr. Francisco Martins.

Pouco tempo se demorou junto de seus paes, que o oscularam com lagrimas de saudade e intima alegria, porque designado com o actual Bispo de Meliapor para missionar na India, teve de partir para Lisboa, afim de se entregar ao estudo do inglez, que pouco sabia, e que lhe era indispensavel n'esta missão. Sendo, porém, nomeado Bispo d'Angola o actual Patriarcha de Lisboa, resolveu o ministro que acompanhasse o digno prelado, e a 5 de setembro deu entrada na cidade de Loanda, sendo pouco depois nomeado parocho da Ilha, logar que desempenhou até 19 de janeiro de 1881, dia em que partiu com mais dois padres, carpinteiros e pedreiros para S. Salvador do Congo, para fundar a missão de que é hoje Superior.

A 13 de fevereiro do mesmo anno chegou ao seu destino, encontrando tanto no interior como em S. Salvador a nossa influencia prestes a extinguir-se. A situação politica era das peiores.

Em 1883 com o auxilio do illustre Ferreira do Amaral, a quem aquella missão deve immenso, e de Gomes Coelho, fundou um posto metereologico que ainda hoje funcciona com toda a regularidade.

Em 1884 e 1885 fundou uma nova missão na região de Madimba, no caminho que liga S. Salvador ao antigo concelho do Bembe.

São relevantissimos os serviços prestados pelo illustrado missionario ao seu paiz e á religião. Ao seu zelo e actividade devemos hoje uma influencia no Congo como nunca. Ninguem como elle tem sabido manter aqui o principio da nossa auctoridade e independencia, ninguem que possa melhor no ultramar organisar as nossas missões e crear o prestigio e o valor que em tempo ali tivemos.

São tantos os seus serviços e tantas vezes a imprensa se tem occupado d'elle, que n'um pequeno artigo biographico, que mais não comporta este periodico, nos vemos obrigados unicamente a publicar, em homenagem do muito que consideramos o distincto missionario, a portaria de louvor que lhe dirigiu o nosso bom amigo, sr. conselheiro Manuel Pinheiro Chagas, e que synthetiza todas as honras e louvores, com que lhe podiamos engrinaldar uma vida de oito annos consecutivos sem a mais leve mancha e sempre em serviço da religião e da patria.

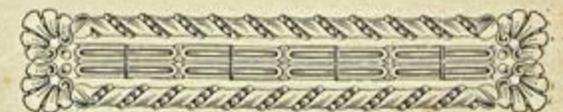
São interessantissimos todos os relatorios do benemerito missionario. Da correcção, elegancia e verdade com que são escriptos, fallou o actual ministro da marinha, por occasião da discussão da concordata, com o maior elogio. É porém tudo pouco em presença da portaria, que em virtude do officio do governador geral d'Angola, em que dava conta dos novos e relevantes serviços prestados aos interesses nacionaes na Africa Occidental pelo honrado e patriotico padre Barroso, chefe da missão do Congo, que com o maior zelo, dedicação e infatigavel sollicitude tem continuado a promover, com a sua influencia e prestigio, o desenvolvimento das relações commerciaes da região do Congo, o que representa um altissimo serviço ao mercado de S. Salvador, Sua Magestade El Rei lhe dirigiu transmittindo-lhe o maior applauso e louvor por actos, que tanto illustram o seu caracter de portuguez, e que tanto o recommendam ao reconhecimento nacional.

O P.e Barroso tem sido condecorado com varias distincções, que não tem acceitado por falta de recursos, e porque a sua humildade e modestia não lh'o permittem.

Falla-se que por uma nova circumscripção em Africa o distinctissimo missionario será elevado á cathegoria de Bispo.

Será uma gloria do paiz.

Por estes dias celebra-se uma sessão solemne na Sociedade de Geographia, para ouvir o grande missionario africano, o sr. padre Barroso. A concorrencia deve ser enorme, porque todos prezam a illustração e serviços do nosso biographado.

P.e Damaso.

AS NOSSAS GRAVURAS

PONTE DA PORTELLA

Que deliciosas paizagens nos offerece á vista o formoso Mondego, quer contemplemos as suas margens onde brota a fresca vegetação que por ellas se estende formando vasto jardim coberto

de grandes arvores, quer descubramos por entre esse opulento jardim as alegres povoações que animam as suas sinuosas margens.

A Portella é uma d'essas povoações mais risonhas que assenta nas margens do celebrado rio, e constitue o passeio mais agradavel que se póde dar desde Coimbra, seguindo o Mondego.

Tem a Portella bellas quintas que são outros tantos jardins, e entre estas uma das mais valiosas pertence ao sr. D. Luiz de Carvalho Daun e Lorena, que é tambem um dos maiores proprietarios d'este sitio.

A ponte que faz o assumpto da nossa gravura está edificada uns tres kilometros ao E. S. E. de Coimbra, e foi inaugurada em 12 de julho de 1873.

Foi esta obra planeada e dirigida até sua conclusão pelo engenheiro sr. Heitor de Macedo.

E' construida de cantaria, ferro e madeira, com grande solidez.

Antes da construcção da nova ponte de Coimbra, prestou aquella grande serviço aos povos d'aquelles sitios, hoje porém, diminuiu o movimento, pois o maior transito se faz pela ponte nova.

O NOVO THEATRO DA RUA DOS CONDES

Este theatro, que foi inaugurado a 23 de dezembro, está edificado no mesmo local do antigo. Occupa uma area com 32 metros de comprimento e 15 de largura.

O dono do terreno e do edificio é o conhecido e activo commerciante, Francisco d'Almeida Grandella, que o mandou construir, segundo o projecto do desenhador da Camara Municipal, Dias da Silva. A execução da obra foi confiada ao habil constructor João Pedro dos Santos.

Fez-se uma emissão de titulos de dez mil réis, com garantia de entrada por meios preços nos espectaculos, quatro vezes por mez, e amortisaveis cada anno por sorteio.

O edificio, cuja frente principal é para a Avenida da Liberdade, tem um vestibulo com tres amplas portas, dando ingresso para um espaçoso salão-bufete, de que são actuaes arrendatarios os snrs. J. J. Almeida & C.ª. O tecto d'este salão, no estylo arabe, é muito vistoso e de grande effeito. Foi executado pelo pintor Augusto Gameiro.

Do vestibulo partem duas largas e elegantes escadarias que dão ingresso para a platéa e pavimentos superiores.

A platéa é ladeada por uma varanda, que corre ao longo da fachada do lado da rua dos Condes e para onde dão cinco largas janellas. Tem quatro classes de logares: fauteuils, cadeiras, superior e geral. O salão da platéa tem largas janellas sobre a Avenida. Ha ainda duas escadas que da platéa descem para o bufete.

No segundo pavimento ficam os camarotes de 1.ª ordem, no total 21. A linha da sala está lançada de fórma a poder-se gosar bem o espectaculo de todos os pontos da platéa e camarotes.

No terceiro pavimento, que vae tambem ser dividido em camarotes, está provisoriamente uma bella galeria com cadeiras. N'este pavimento ha um excellente salão com lucarnas para a Avenida.

Os corredores são todos muito espaçosos.

Toda a decoração da sala, incluindo o tecto, proscenio e panno de bôcca, foi executado pelos scenographos Eduardo Reis e Julio Machado.

Este theatro está nas melhores condições de segurança para o caso d'um sinistro. O recinto do café, platéa e camarotes, é completamente separado do palco por uma parede (guarda-fogo) que sobe desde os alicerces até um metro acima do telhado.

As aberturas d'esta parede são vedadas da seguinte fórma: a bôcca do proscenio por um magnifico panno metalico de rapidissima descenção, que foi executado pelo habilissimo constructor José Rodrigues Onofre; as outras aberturas, entrada para a orchestra, etc., tem grossas portas de ferro.

Por tudo isto ha uma completa intercepção entre o local destinado ao publico e o palco, tornando se impossivel a communicação d'incendio d'um para outro lado. E a unica casa d'espectaculos em Portugal que apresenta esta condição essencialissima e completamente tranquilisadora para o publico.

Do lado do palco, que tem tambem largas janellas para a varanda lateral, ficam no primeiro pavimento, espaçoso e de grande altura, os camarins dos artistas.

As duas fachadas do edificio são d'aspecto elegante e agradavel, sendo toda a bella cantaria extrahida das pedreiras da Batalha.

O actual emprezario é Salvador Marques, que foi tambem emprezario do velho theatro nos dois ultimos annos da sua existencia e mais tarde do theatro dos Recreios, tambem já demolido.

A primeira companhia, que no novo theatro está funccionando é assim composta:

Director de scena e ensaiador: Sousa Bastos.

Actrizes: Pepa, Guilhermina, Laura Godinho, Luiza d'Oliveira, Encarnação e Izabel.

Actores: Alfredo Carvalho, Sergio d'Almeida, Roque, Salazar, Mathias d'Almeida, Carlos Rocha, Caetano Reis, Pinheiro, Lima, Cruz e Pereira de Almeida.

Ponto: J. Pinto.

Contraregra: Jacquet.

Para iniciar os espectaculos teve logar o primeiro ensaio de coros a 19 de novembro e o primeiro ensaio de poema a 4 de dezembro.

O espectaculo d'abertura foi composto da allegoria a proposito *Hontem e hoje*, original de Baptista Machado e da opereta em 2 actos, traducção de Joaquim Augusto d'Oliveira e Sousa Bastos, *As duas rainhas*. A musica foi escripta e ensaiada pelo sr. Dalhunty. Não agradou este espectaculo, que, ainda assim, começou com bastantes applausos a um monologo de apresentação do theatro, recitado pelo grande actor Taborda.

Depois de terem subido sem exito á scena algumas comedias, está attrahindo muita concorrencia ao theatro e obtendo extraordinarios applausos um novo *vaudeville*, *O Casamento de Nitouche*, original de Sousa Bastos e com musica do maestro Stichini.

E eis como esta Phenix resurgiu das proprias cinzas, para que o velho pardieiro da *Rua dos Condes* não fosse apenas uma tradição.

Esta Phenix contrasta singularmente com o que foi. Ao velho casebre em que se devertiram mais de tres gerações d'esde 1736 até 1882, succedeu o actual theatro, com todos os attractivos do novo, e com todas as commodidades que a arte e a sciencia tem conquistado.

Pareceu-nos tão curiosa a comparação do velho edificio, que o progresso e o tempo demoliu, com o novo theatro que hoje embelleza a Avenida da Liberdade, que ahi deixamos estampadas as duas gravuras, como uma curiosidade de bom sabor.

A historia do antigo theatro foi largamente tratada no volume 5.º do OCCIDENTE, por isso agora nos forramos a escrevel-a aqui.

PAULO MIDOSI

(Continuado do n.º 363)

Foi assim que se fez traductor do inglez, francez e hespanhol para o *Archivo Pittoresco*[1] e *Periodico dos pobres*, pelo que recebia a importancia de 24$000 réis mensaes. Abençoado trabalho e *felix culpa*, a que elle talvez deva tudo quanto é hoje; porque foi d'esta mensalidade e d'este trabalho insano, em que mais tarde succedeu seu pae, que elle hauriu os recursos que o sustentaram em Coimbra durante a sua formatura em Direito, e que depois deviam constituir o patrimonio da familia.

Foi n'este tempo tambem que, fazendo conhecimento com Cesar Perini de Lucca, professor de declamação no conservatorio, recompoz com elle o drama, *21 annos da administração do Marquez de Pombal*, que, sendo revisto por Garret, entrou em concurso para premio e conseguiu justa preferencia. O drama era escripto em italiano, e Paulo Midosi, apesar de italiano na origem, nada sabia d'esta lingua. Teve, por isso, de a aprender com um venerando ecclesiastico, o padre Rebello, então empregado na Bibliotheca Publica, e praticou-a com diligencia com varios naturaes, cujas relações bemquistou, conseguindo falal-a correntemente em breve espaço.

Pouco depois teve elle occasião de conhecer, por experiencia propria, quanto é fallaz e injusta a critica que decide das obras dos homens pelos nomes dos individuos e não d'estes pelos seus meritos, porque, em vez de incitar o animo creando estimulos, produz n'uns o desalento, e quasi sempre desmerece outros á sombra de carcomidos louros, como os que dormem descançados protegidos por antiga fama. Escrevêra elle com destino ao *Panorama* o romance, *Manuel de Souza Coutinho*, e tanto foi, desnecessario seria dizel-o, como recusarem-lhe os peritos a desejada publicação, á mingua, por ventura, de interesse litterario, que ella podesse despertar. O nome de Paulo Midosi era, porém, como sabeis, do filho e do pae, e as obras d'este estavam isentas de uma certa discussão e beneplacito. Bastou, pois, que elle apresentasse como seu o romance do filho, para passar como trigo sem joio, como oiro de fino quilate!

Em 1842 sáe Paulo Midosi para Coimbra a combater por Minerva, em cruzada d'aquella Palestina da sciencia; e, disse elle quando escreveu a biographia de Bruschy, tive logo no principio um revez, que me magoou tão profundamente, que devi a Bruschy sómente a coragem e o haver-me matriculado na Universidade. Este revez foi uma reprovação em latim, que o fez conhecer á entrada da cidade quaes eram então as condições necessarias para o *jus civitatis*, o fôro de cidadão. Eu sou do tempo em que quem não dispunha de uma recommendaçãosinha, como lhe chamavam, podia ter a certeza de que pagava cara a sua audacia, porque não se entrava impunemente n'aquella ilha.

Mas felizmente passam em breve estes desgostos, e Paulo Midosi teve occasião de vingar-se nobremente, sendo laureado nos quatro annos em que, no seu curso, se distribuiram premios aos filhos dilectos da faculdade de Direito. Foi completa a rehabilitação.

Formou-se no anno lectivo de 1848 a 1849, perdendo o anno de 1846 em que esteve fechada a Universidade e interrompidos os exercicios academicos, por causa da contra-revolução do Marechal Saldanha. Durante a formatura, porem, nem esqueceu o theatro, nem despresou a politica; não o deixava o prurido de jornalista, nem as paixões partidarias, então no seu auge, se refreavam facilmente. Collaborára com Augusto Cesar d'Almeida e João de Lemos na *Sentinella do Palco* e *Revista Theatral*, e escreveu só o jornal denominado *Raio Theatral*. Odiando entranhadamente a politica governamental, flagellava-a sem piedade com Bernardino Martins da Silva no *Supplemento burlesco ao Patriota*, no *Ecco de Santarem* e *Boletim de Santarem*, que muitos attribuiram ao hoje fallecido patriarcha da imprensa, Antonio Rodrigues Sampaio. Era sobremodo honrosa a confusão.

Tambem lhe não sairam impunes, como era de esperar, estas manifestações revolucionarias, porque em 1844 foi deportado para Castello Branco sem a mais leve fórma de processo pelo Governador Civil d'então, Lopes de Lima, depois de haver gorado a revolução, que se filiava na chamada revolta d'Almeida.

Quando rebentou a sempre memoravel revolução do Minho denominada Maria da Fonte, era então Paulo Midosi apenas bacharelando; e, creada a Junta revolucionaria do Porto, veiu elle para Lisboa, onde depois lhe foi offerecido com insistencia o logar de administrador do Bairro do Rocio, que recusou abertamente não só para que não tivesse de abandonar a sua carreira scientifica, que elle mais do que tudo presava, mas porque tambem lhe impunham demissões que altamente lhe repugnavam. Não era a ambição do poder, nem a faxa da auctoridade, que podiam dominal-o.

Não desistiu, porém, do combate, nem a lucta lhe enfraquecia, antes lhe reborava o vigor e enthusiasmo de uma criança, que não duvida de expor-se ou arriscar-se por tudo quanto é nobre e generoso.

Voltou, pois, para a imprensa que lhe fornecia campo raso e aberto para pugnas leaes, ainda que n'esta arena tambem não fallecem os encontros accidentados nem as situações anfractuosas.

Creou assim n'este meio o jornal intitulado *Revolução do Minho* conjunctamente com Antonio da Cunha Sotto Mayor; e, por ultimo, já no ministerio do Duque de Palmella, associou-se na redacção com Carlos Bento e Roberto José da Silva. N'este tempo escrevia tambem para o *Patriota*.

Cantava-se então, de um extremo ao outro do paiz, o hymno da Maria da Fonte, que a suave inspiração do illustre Frondoni soubera adaptar ao grito da guerra; e a este nome sympathico associava-se o de Paulo Midosi, qual novo Rouget de l'Isle.

E n'estas condições que a contra-revolução o veiu achar em Lisboa. Mas em Coimbra tocava-se a rebate, faziam-se ouvir ao longe os clarins e as tubas, concitavam-se os guerreiros, moviam-se os alfagemes aparelhando as armas, e surgia n'um momento com o valôr de um exercito o bravo batalhão academico! Não era mais intenso o desejo do combate, nem mais intemerata a ousadia, nem maior a ambição da victoria dos sarracenos, quando, aos gritos de Allah na conquista da Hespanha, se esforçavam por arvorar o crescente de Mahomed sobre o estandarte da cruz!

Paulo Midosi ouvia e sentia bem ao longe as vozes d'aquelles que o conclamavam ao alista-

[1] Parece-nos haver aqui confusão do illustre biographo, pois o *Archivo Pittoresco* principiou a sua publicação no anno de 1857.

A REDACÇÃO.

mento; e, se elle então fôra o Mercurio dos 15 annos, teria voado até Coimbra para sellar com o proprio sangue, se tanto fosse necessario, a causa sagrada que elle defendia; mas não se tractava já do batalhão do commercio, e os pobres pais, que não queriam vêr perdidas mais illusões sem arriscar o unico esteio que devia amparal-os, e em que punham todas as suas esperanças, souberam temperar-lhe as inclinações e vencer-lhe o patriotismo, porque elle não podia no amôr da patria esquecer o amôr e piedade filial.

Ficou pois em Lisboa resignado e decidido a conspirar com Antonio Rodrigues Sampaio, Leonel Tavares, Joaquim Antonio d'Aguiar e outros, nas tenebrosas reuniões, que se celebravam a occultas na Rua do Almada á Bica. Notae, porém, que elle era um conspirador de 23 annos apenas!

Foi n'esta conspiração que se originou a *famosa* sahida dos presos em Quinta-feira d'Ascensão.

Assim terminou para Midosi o papel que aquelle quartel de seculo, de que ha pouco vos fallei, lhe havia distribuido nas scenas da politica revolucionaria; e foi assim tambem que elle voltou a saciar saudades de Thalma, em cujo templo e auspicios

sar Cau da Costa. Pouco depois, escreveu, *O conselho das dez*, com musica de Miró e poesia de José Maria da Silva Leal; e mais tarde escreveu, *Qual dos dois?* com musica de Frondoni.

Taborda deve-lhe, talvez, muitas das suas glorias, e, de certo, lh'o não nega lembrando-se hoje com saudade tambem das palmas que soube colher nas platéas com as innumeras representações de *O amigo dos artistas*, *A' sahida da tragedia*, *Sem pés nem cabeça*, *Historia de um marinheiro contada por elle mesmo*, *O amor pelos cabellos*, *Sarão Litterario*.

A Paulo Midosi de collaboração com Francisco Palha deve tambem o publico o ter applaudido Taborda nas engraçadissimas comedias, *O sr. Procopio Baêta*, e *Flor de Chá*.

A maior parte d'estas scenas foram impressas no Porto na Imprensa Portugueza em 1871, e constituem um livro dedicado em homenagem a Taborda, quando este foi ao Rio de Janeiro levar, como alli se diz, o verbo da arte. A comedia *Procopio Baêta* foi editada por P. Plantier tambem em 1871.

Todos vós sabeis como Taborda possuia o dom

muito incommodo! protestou frouxamente, por comprimento, a irmã do Quim.

—Qual incommodo! não dá nenhum! disse amavel a D. Ritta.

—Não dás absolutamente nenhum, confirmou a Alicesinha, anda!

—Não dá nenhum, vá! aconselhou tambem indiscretamente o sr. Leitão, que o que queria era vêr todos pelas costas, escapar-se á massada d'ir acompanhar a menina Barradas a casa, ou ter de a alojar essa noite, no seu terceiro andar, ainda para remate da festa.

A menina Barradas ainda resistiu um bocadinho, em homenagem á delicadeza, e por fim aceitou o offerecimento, despedindo-se da sr.ª Leitão, que lhe disse um adeus muito secco, e lá foi com a D. Rita, a Alicesinha e os manos pequenos, pela escada abaixo, seguidos da familia Pereira e mais convidados.

E assim acabou a soirée de annos da Ignacinha.

XI

Acabou não; acabou é simplesmente uma maneira de dizer:

PONTE DA PORTELLA

(Segundo uma photographia de Santos)

e havia iniciado o nosso estimado e insigne Taborda.

Foi na typographia da *Revolução do Minho* que Midosi conhecera este illustre mestre da comedia portugueza com quem, depois de formado, estreitou relações de amigo que ainda muito estima.

Estas relações, conjunctamente com o exemplo do pae e as recordações de uma sociedade que este formara no velho Salitre com Antonio Feliciano de Castilho, Alexandre Herculano e Cesar Perini de Lucca, fizeram-n'o escriptor e amador do theatro, talvez até ao vicio.

Era na comedia que Paulo Midosi melhor podia desenhar certas feições moraes, corrigindo-as com a jovialidade do espirito, que constitue uma das linhas mais proeminentes do seu bello caracter; por isso não vos admireis dos titulos que elle deu á maior parte das suas obras, com que enriqueceu o reportorio de Taborda; porque esses titulos traduziam sempre em resumida synthese os pensamentos que se debatiam em scena.

Um dos primeiros trabalhos que dedicou ao theatro foi uma opera comica, que salvou a empreza do Gymnasio de uma difficil situação. Tinha musica de Frondoni e poesia de Augusto Ce-

especial de arrancar estrondosas gargalhadas ainda aos mais indifferentes ou fleugmaticos. Pois Taborda era a incarnação no Palco do espirito de Midosi.

Estes dois nomes deviam de andar vinculados por mais de que a amisade, porque representam dois artistas de raça na mesma acção e em perfeita identidade d'alma nas bellezas da scena. Comprehendiam-se e amavam-se.

(Continúa)

João Jacintho Tavares de Medeiros.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

X

—Então vae comnosco para nossa casa, e fica lá de noite, explicou a D. Rita quasi em duetto com sua filha.

—Oh! isso não, de fórma alguma, é dar-lhe

Quando uma noite principia torta é até ao fim.

Apenas viu todas as visitas na escada e a Anna, a cosinheira, a alumial-as com a sua vela de cebo redemptora, o sr. Leitão soltou um fundo suspiro d'alivio.

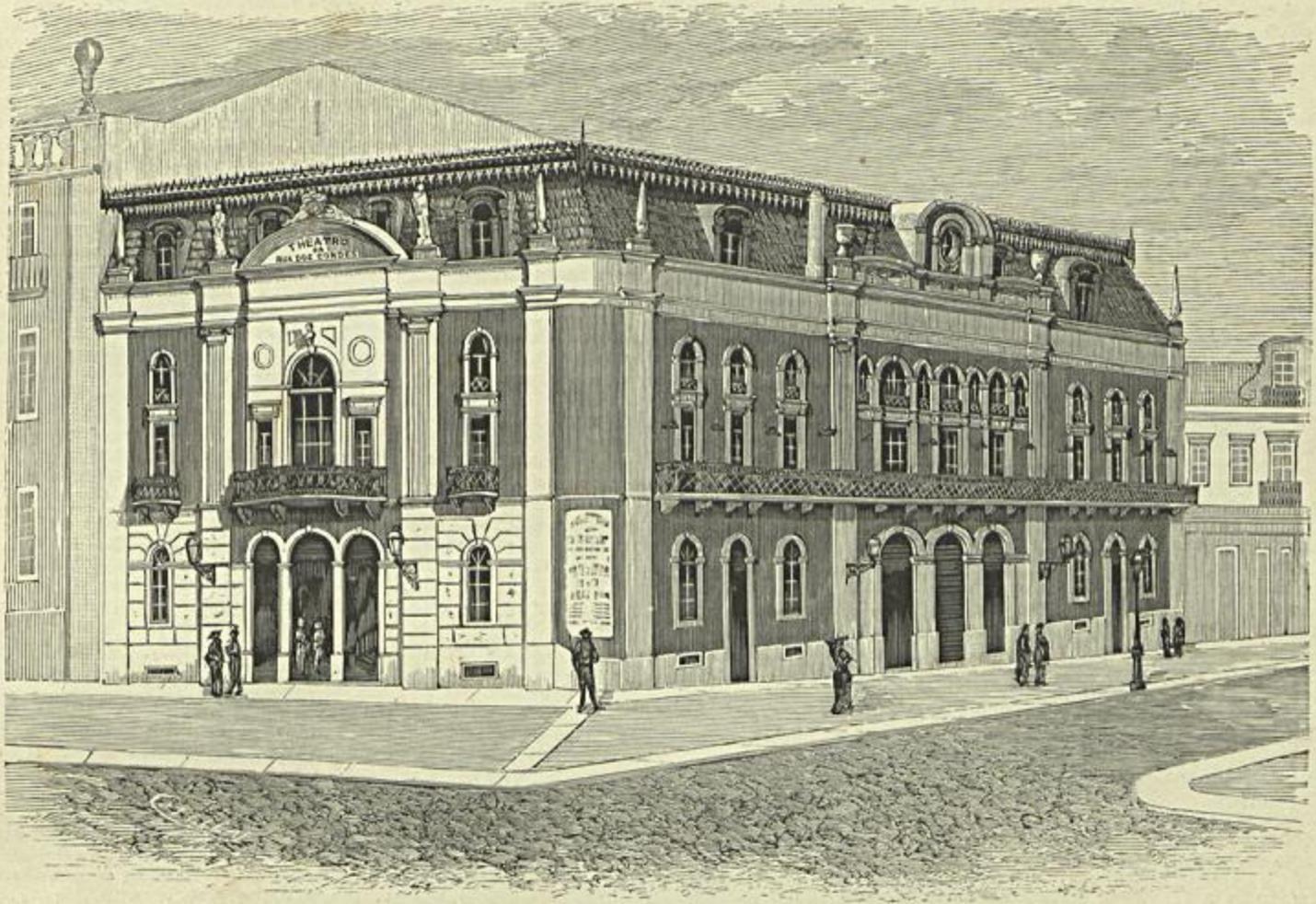
E ainda com medo que essas negregadas visitas tornassem a voltar para traz, mal ellas iam no 2.º andar, já o Leitão ordenava cá de cima á creada:

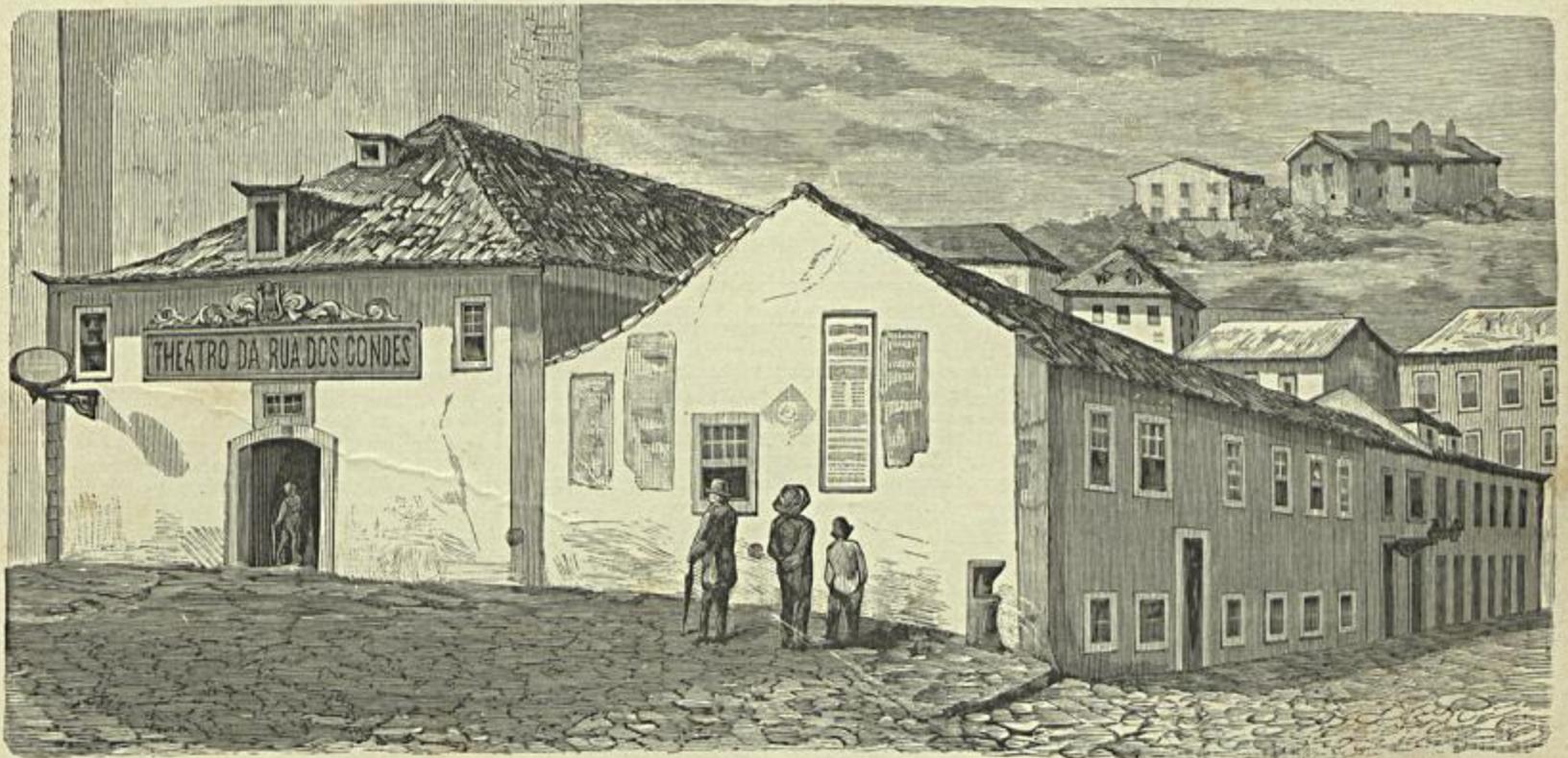
—O' Anna! Anna! Agora não fiques ahi duas horas. Vem para cima e toca a fechar as portas.

E já lá no quarto, sentado na cama, tirando as botas e deitando-as para o chão com grande ruido, recommendou ainda á Anna:

—Fecha bem a porta! vê lá, fecha-a bem!

A Anna obedeceu, e emquanto ella corria os ferrolhos, punha as trancas e dava volta á chave, porque a casa do Leitão era aferrolhada todas as noites, como se de momento a momento se esperasse por uma invasão de salteadores, a menina Ignacinha, já com os cabellos cahidos, em saias brancas, entrava no quarto de seu pae para lhe dar o beijo da despedida e para começar a commentar os estranhos acontecimentos da noite.

O sr. Leitão, porém, estava pouco para commentarios.

O NOVO THEATRO DA RUA DOS CONDES — Inaugurado em 23 de dezembro de 1888

(Desenho do natural por Casellas)

O VELHO THEATRO DA RUA DOS CONDES, DEMOLIDO EM 1882

(Desenho de M. de Macedo)

O somno podia já muito mais do que elle, e apesar da importancia excepcional dos assumptos a dabater, não entrou na sua discussão.

Ainda quiz principiar a fallar sobre o caso, mas a bocca começando a escancarar-se em repetidos bocejos pôz um dique á sua eloquencia e d'ali a nada, a discussão muito accessa da mãe e da filha sobre os acontecimentos passados, as suas violentas indignações sobre os atrevimentos do Quim, as insolencias da D. Rita, e as más creações da Alicesinha, eram interrompidas por um roncar aterrador.

O bom do Leitão dormia alfim como um abbade na sua ampla cama de casados.

* * *

Habituadas a esse acompanhamento de trombone nocturno, a mãe e a filha não se prenderam nada com elle, e continuaram a fallazar, em voz alta, em grandes gritos mesmo, que teriam accordado qualquer outro que não fosse o sr. Leitão e que não tivesse aquelle valente e invulneravel somno.

E estavam tão animadas na sua tagarelice que teriam passado toda a noite a dizer mal das visitas se a creada as não tivesse vindo interromper.

—A senhora quer mais alguma cousa? perguntou do corredor, a Anna, depois de ter fechado todas as portas e acabado toda a sua lida.

—Não, podes-te ir deitar, disse a sr.ª Leitão.

—Então muito boa noite.

—Que horas são? perguntou a Ignacinha.

—Deram já tres, respondeu já lá ao longe a Anna chinelando para o seu quarto.

—Já tres horas! disse a sr.ª Leitão admirada. Vae-te deitar Ignacinha, amanhã quem nos hade arrançar da cama.

—É verdade, tão tarde! Nunca nos deitamos a estas horas! ponderou a Ignacinha muito contente com a sua noitada.

—Um dia não são dias! philosophou com bonhomia a sr.ª Leitão, dando a face ao osculo de despedida da sua filha.

A Ignacinha recolheu-se ao seu quarto, que ficava contiguo ao dos seus paes, e a sr.ª Leitão, metteu-se na cama, apagou a luz e deitou-se para baixo.

Mas quando ia a fechar os olhos lembrou-se dos seus deveres de dona de casa e dizendo em voz baixa:

—«Ai! é verdade» sentou-se na cama e chamou:

—Ó Ignacia! Ignacia!

—O que é mamã? perguntou lá do quarto a Ignacinha.

—Pergunta á Anna se deitou o bacalhau de molho para amanhã?

A Ignacinha obedeceu e a seu turno chamou:

—O' Anna! Anna!

—O que é menina! Quer alguma coisa? perguntou lá do seu quarto ao fundo do corredor, d'ao pé da cozinha, a voz sumida da Anna que ia já a pegar no somno.

—A mamã pergunta se deitaste o bacalhau de molho?

—Não senhor, não deitei.

—Não deitou mamã.

—Então que vá deitar ainda, senão amanhã está uma pilha, dispoz a sr.ª Leitão.

E a menina Ignacinha transmittiu o recado.

—Então que vás deital-o, senão amanhã está uma pilha.

A Anna não respondeu. Tinha ouvido perfeitamente mas fizera-lhe mais arranjo fingir que não ouvira.

—Vae deitar o bacalhau de môlho! gritou pela segunda vez a menina Ignacinha, ouviste?

—Ouvi, ouvi, resmungou a Anna com muito mau humor, deixando-se ficar na cama, a ver se a coisa passava.

Mas a sr.ª Leitão era uma dona de casa a valer, e não fechava olho sem a magna questão do bacalhau estar resolvida.

E d'ali a nada a sua voz passava de novo á Ignacinha, e a voz da Ignacinha passava de novo á Anna a mesma ordem, como as sentinellas de uma fortaleza repetem aos echos silenciosos da noite o — *Sentinella alerta — Alerta está.*

Por fim a Anna mastigando pragas aos patrões e á excommungada vida de servir, lá se levantou, accendeu a decantada vela de cebo e foi á cosinha cortar o bacalhau, e deital-o de molho.

E como ia de mau humor, fez tudo isso com muito maus modos, atirando com as facas, com os alguidares, com as gavetas, fazendo uma bulha infernal.

A sr.ª Leitão ouviu essa bulha e ficou descançada: as suas ordens estavam sendo cumpridas.

E com a sua consciencia de dona de casa perfeitamente tranquilla adormeceu beatificamente.

E d'ali a nada parecia que no quarto do Leitão havia echo, e ao seu resonar amplo e compassado, respondia com as mesmas pausas outro resonar não menos compassado e sonoro.

* * *

Estava escripto porém que essa noite não era noite de somnos beatificos e descançados.

Quando a sr.ª Leitão começava a resonar com mais amplitude, *truz! truz!* á porta do seu quarto.

E esse *truz! truz!* era acompanhado da voz da Anna, que dizia:

—O' senhora! Senhora!

Mas essa voz estava offegante, alterada, como que dilacerada na garganta por funda commoção.

Os pequenos *Truz! Truz!* foram perfeitamente perdidos.

A sr.ª Leitão estava deveras pegada no somno, e não eram os nós dos dedos da Anna que a podiam fazer accordar.

E por isso a cosinheira substituiu os nós dos dedos pela mão toda, depois pelo murro fechado até acabar pela solla do chinello applicada valentemente á almofada da porta.

Então, como ia já assumindo proporções de batedella em porta de quinta, a sr.ª Leitão accordou extremunhada e poz-se d'ouvido á escuta a ver se seria sonho ou se effectivamente estavam a bater á porta.

A voz da Anna, — mais alta já — pois subira proporcionalmente á violencia das pancadas, mas não mais firme e tranquilla — mostrou-lhe que não era sonho.

—Quem está ahi? perguntou a sr.ª Leitão um pouco sobresaltada.

—Sou eu minha senhora, respondeu a Anna outra vez em voz mais baixa.

—É você, Anna?

—Sim senhora.

—Ha alguma novidade?

—Ha sim senhora.

—O que é?

—Chega aqui, faz favor.

—Chegar ahi? para que? já estou deitada!

—Sim senhora, mas eu d'aqui não posso dizer o que é...

E a Anna com voz cada vez mais trémula e atrapalhada accrescentou:

—Será bom chamar o senhor?

—O senhor? Para que?...

E como a Anna não respondesse a sr.ª Leitão disse lhe:

—Abra a porta, e entre.

A Anna entrou.

—Então o que é?

—Estão ladrões na escada!

—Ladrões! exclamou espavorida a sr.ª Leitão. Você está doida, mulher.

—Estão, estão.

—Isso foi pesadello que você teve.

—Não senhor, estão a arranhar na porta da escada. Olhe venha a sr.ª aqui ao corredor que já os ouve.

A sr.ª Leitão assentou-se na cama, coberta de um suor frio.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

REVISTA POLITICA

Se a paixão partidaria dominasse o nosso espirito, que phrases bombasticas não rechearíam esta revista, phrases que seriam o echo da agitação bem ensaiada, mas mal representada, no parlamento pelos eleitos da urna.

Um completo *charivari* as sessões do parlamento.

Houve palmas, houve pateada, houve gritos ao da guarda, e se não houve apitos deve-se isso attribuir á imprevidencia dos nossos habitos de não andarmos convenientemente preparados para as situações em que nos possamos achar

E não se pense que exaggeramos, que fazemos réclame ao divertido espectaculo que a sala de S. Bento tem offerecido n'estes dias aos seus espectadores. É simplesmente verdade o que narramos, tão verdade como a guarda accudir aos corredores da camara em busca do inimigo, com o seu official á frente a perguntar onde estava o governo, sem que ninguem podesse satisfazer a esta pergunta.

Isto faz suppôr que o inimigo era o governo, e se este não se safa, que coisa curiosa seria vêr o governo no *estarim* a clamar irado contra a arbitrariedade que não respeitava as suas regalias, tendo por unica resposta — são *ordes*.

Este caso grave que irritou toda a camara, curiosa de saber quem tinha chamado a guarda, só encontrou explicação depois de uma syndicancia cautelosa com que se descobriu que o culpado fôra um continuo, que em vez de trazer um copo d'agua que a presidencia lhe pedira, trouxe a guarda por um mal entendido.

Com esta explicação ficaram todos satisfeitos, e se o continuo não ficou tambem satisfeito pelo serviço que prestou, então é porque o homem está guardado para grande coisa.

Não se pense, porém, que a camara depois da satisfação que teve, entrou serenamente nos seus trabalhos legislativos; isso é negocio para mais vagar, e por agora só quer saber se o governo sae ou fica, se o governo cede ou não cede ás intimações do commercio do Porto, que na força dos seus argumentos contra a sellagem das fazendas, até falla de mandar para Lisboa o coração de D. Pedro IV que ha meio seculo tem sob a sua guarda.

Ora vejam como o coração de um morto se póde envolver com os sellos das fazendas.

Evidentemente o Porto está infeliz n'esta questão, e apesar do sr. Lopo Vaz aconselhar paternalmente o governo a que ceda, o governo não cede nem sae, e a questão está pouco mais ou pouco menos como no principio, sem que as moções de confiança, nem os protestos da opposição tenham chegado a conclusão nenhuma.

Esta desordem do parlamento veio revelar o grande atrazo em que se encontra ao fim de cincoenta annos de trabalhos, pois descubriu agora as suas duvidas sobre o modo de propor, duvidas que assumiram taes proporções que tem dado assumpto ás mais largas controversias no seio da representação nacional.

Ora se no fim de tantos annos não se sabe ainda como se deve propor no parlamento, o que saberiam então os pobres patriotas das camaras de 1820!

Uma miseria aquella assembléa de 1820. Sem saber como propôr, sem rhetorica, sem convicções nem idéaes politicos, sem legisladores sabios, sem nada. Um arranjo, uma comedia para passar tempo e entreter as galerias, sem importancia nem auctoridade.

Hoje sim; hoje é que se discutem as mais pequenas cousas, sempre com os olhos no bem da patria, no seu engrandecimento, e no respeito ás leis; e é d'este ideal justo e bom que surgem essas sessões tumultuosas, ardendo no fogo das convicções politicas e no brazeiro das conviniencias pessoaes.

Mas afinal que temos nós dito ao leitor a respeito dos trabalhos parlamentares, do que se tem produzido na fabrica das leis, de que se apresentou ao abrir da sessão um extenso programma. Nada, absolutamente nada, porque nada tem produzido estes dez dias de sessões, como nada produziram os outros dez dias que precederam estes e assim successivamente; mas para que não deixemos de dar uma noticia de sensação ahi vae a que á ultima hora nos chega.

Foram addiadas as camaras!

Agora é que o leitor dá um pulo na sua cadeira, impressionado pela inesperada nova.

Pois não dou, diz-me d'ahi com a mais completa indifferença, o que me leva a crêr que temos muitos companheiros n'esta descrença que nos assoberba, com grande pezar nosso, a respeito da politica portugueza.

Effectivamente que as camaras se abram ou fechem, os resultados praticos são os mesmos para o andamento dos negocios publicos e particulares, e é a experiencia que o tem demonstrado, dada a forma porque procede o parlamento, quer nas suas maiorias quer nas minorias.

Só uma idéa domina ali: o defender e o atacar seja como fôr para alcançar o poder, e n'este afan de salvar a patria, só se vão perdendo as instituições que a regem, e augmentando em cada dia a descrença que caracterisa o nosso viver.

João Verdades

CONTOS DE HOJE

III

(AO DR. JOSÉ SIMÕES DIAS)

Na historia da ultima guerra da Allemanha com a França depara-se-nos um caso curiosissimo que prova, até á evidencia, quanto é, muita vez, justo e brioso o espirito da mulher.

Em 1870 marchou de Paris, afim de reunir-se ao corpo de exercito sob o commando do marechal Bourbaki, um moço tenente de dragões, Edmond Berard.

Não quiz Berard partir para essa lucta de morte sem se despedir de sua noiva Emilia C ..

Foi curta, porém eloquente a despedida. E depois de vehementes protestos de fidelidade, a futura esposa Berard, cahiu nos braços d'este n'um espasmo de dôr, murmurando:

— Parte... a mim só deves preferir a França.

A enorme lucta, a que fez com que a Europa se curvasse attenta e offegante para a cavalheirosa França, travára-se e com medonho fragor, derrubando o segundo imperio, arrancando-lhe duas provincias e cobrindo de crepes a nova republica.

Passado um mez de vida de campanha, o tenente não podendo já supportar a dôr pela ausencia *da que lhe era vida*, desertou do regimento e correu a Paris.

Mademoiselle Emilia morava com sua mãe proximo das barreiras. Dera meia noite, a rua, solitaria e fria como uma mulher abandonada, apenas se alterava no seu silencio com o estrepito sonoro de alguma ordenança de cavallaria correndo aos postos militares...

*
* *

Emilia estava no seu quarto. Abrira a janella e fôra ajoelhar-se sobre um *prie-Dieu*, que servia de pedestal a um crucifixo de marfim em fundo de velludo negro.

Mademoiselle Emilia era baixa, de uma magresa nervosa, elegante, o rosto muito branco era-lhe emoldurado por uma cabelleira de um louro-fulvo. Os olhos arrazavam-se-lhe de lagrimas, e a oração que se evolava d'aquelles labios pequeninos transmudava o *Deus salve a França* dos velhos patriotas, n'um *Deus salve Edmond*...

De supito, salta do peitoril da janella para o meio do quarto um homem sujo de terra, com as botas alvas crivadas de lama; vestia o uniforme de cavallaria franceza.

Era o tenente Berard...

— Não podia estar mais tempo sem te ver, disse elle, ainda arquejante.

— Meu Deus! murmurou Emilia olhando o de modo estranho, — tu! Edmond, aqui? a esta hora, n'esse estado?... acabou a guerra! ?...

Ella tremia muito e afastava-o, com os braços hirtos e frios como os de um espectro; Edmond caira-lhe aos pés em amorosa allucinação... E agora, contricto e humilde, não podia articular uma palavra...

Emilia tornara-se de marmore, parecia a estatua da accusação.

— Responde!

— Fugi! Se me encontrarem, fuzilam-me.

— Os prussianos?...

— Os francezes... Desertei.

Emilia solta um grito estridente, foge de Berard como se fosse queimada com ferro em braza, cobre o rosto horrorisada; e, tremendo de vergonha, encosta-se á parede como evitando que esta caisse sobre elles.

— Cobarde!

— Amo-te...

— Cobarde, sae d'aqui!

— Pelo teu amor, Emilia...

— Vae buscal-o ás boccas dos canhões prussianos, miseravel!

— Foi por ti ..

— Foge, cobarde! ou denuncio-te como espião! bradou Emilia, já com a razão perdida.

O pobre official ficou por momentos como petreficado... Hesitou alguns minutos, depois dirigiu-se silenciosamente para a janella e saltou para a rua.

*
* *

Mulheres! mulheres!...

Vejamos outra phase:

Edmond Berard já não conseguiu reunir-se á sua divisão, porque o marechal Bourbaki internara-se na Suissa. E, como o cerco de Paris fôra fechado pelos allemães, Berard já não poude sahir, apresentou-se ao general Trochu. Este valente general depois de ouvir o tenente Berard, alistou-o sob um nome supposto como capitão de *franc-tireurs*.

Durante o cerco, mademoiselle Emilia entrou para o *Exercito de Salvação* afim de soccorrer os feridos. Ora em uma das occasiões que ella cumpria a caridosa missão de *dame de salvation* em volta dos muros de Paris, n'esses arredores que as sortidas de Trochu cobriam de feridos e cadaveres, pareceu-lhe ouvir uns gemidos.

— Agua!... murmurava um dos feridos.

Voltou-se rapidamente e vio um official de *franc-tireurs* tentando erguer-se sobre um dos braços. Emilia aproximou, solicita, do ferido, o seu frasco de agua...

Era Edmond!...

Uma cutilada na cabeça cegara-o, uma bala partira-lhe um braço.

— Não, não! tartamudeou elle.

O ferido, reconhecendo quem o soccorria não quiz beber a agua. A febre porém poude mais que o resentimento, bebeu, e perdendo os sentidos murmurou:

— *Cobarde! cobarde!*...

— Oh! meu Deus! meu Deus! exclamou Emilia fitando-lhe as orbitas empastadas de sangue — cego! cego!... torna a ti Edmundo, amo-te! É a tua Emilia que está louca de amor por ti!...

O ferido continuava n'uma immobilidade aterradora.

Emilia reunio todas as suas forças e gritou por soccorro; veio uma das ambulancias e o capitão foi transportado a logar seguro.

Desde essa hora, o amor de Emilia, transformou-se em uma paixão sem limites, invencivel como um remorso.

E, nem a familia de mademoiselle C... que se oppunha ao casamento por entender que a joven senhora não devia unir-se a um cego, a um mutilado que evidentemente a despresava, nem mesmo a maneira reservada, de frialdade provocante, nem o tom indifferente, por vezes aggressivo com que cego ouvia os protestos de Emilia, demoveram esta do seu intento.

E a tal ponto a tomou a loucura que a todos declarava que se o capitão Berard, positivamente não quizesse casar com ella, então... seria sua amante, sua criada, o que elle entendesse!

*
* *

O certo é que, um dia, depois de acabada a guerra, saia da *Magdeleine* de Paris um capitão de veteranos pelo braço da que n'aquelle dia se ficou chamando Emilia Berard.

Nota final da ultima phase:

Apesar do cego continuar sempre pouco expansivo para sua esposa, nunca Emilia attribuiu isto a menos amor, e sim á natural indifferença com que os cegos atravessam a vida.

Manoel Barradas.

ESTÁ CÁ MINHA MULHER?

N'aquella noute, Ernesto estava impressionadissimo.

Os jornaes não traziam senão noticias atterradoras: roubos, tentativas d'assassinato, infidelidades conjugaes, emfim um sem numero de factos desagradaveis.

Tinha estado no Martinho com alguns amigos d'infancia, conversando sobre varios assumptos, sobre a vida dos casados, sim, porque Ernesto era casado, de fresco é verdade, mas era casado; e com uma rapariga, uma verdadeira joia; muito amiga d'elle, cheia de cuidados, de prevenções, uma boa companheira.

E elle dava-se muito bem; tambem, não havia muito tempo; apenas oito mezes; póde dizer-se que estavam ainda na lua de mel. Elle, estimava-a muito. Durante aquelles oito mezes não tinha havido a mais pequenina nuvem no céo limpido do amor conjugal. Depois, ella, tinha tido uma educação esmeradissima, apesar de ser filha de um tendeiro, d'um abastado vendedor de bacalhau e banha de porco da rua d'Atalaya.

A sogra, sim, porque elle tambem tinha uma sogra, era muito boa senhora. Apesar de ser mulher d'um tendeiro, possuia magnificas qualidades; era a bondade das sogras personificada, o que é raro, rarissimo encontrar-se.

O pae e a mãe d'elle, pois ainda tinha pae e mãe, gabavam-a muito; tinham pela mãe da nora uma estima profunda.

Ernesto considerava-se muito feliz.

Não tinha filhos; verdade verdade, tambem, como havia elle de ter filhos, se apenas ha oito mezes que eram casados. Como não tinha filhos, não tinha cuidados, porque quem filhos tem, cuidados tem tambem, e já lá diz o dictado: «Quem tem filhos tem cadilhos.» Ernesto passava uma vida adoravel na companhia da mulher.

E depois, tinha uma certa fortuna; não era lá muito, muito rico, mas era remediado; chegava perfeitamente para os dois.

Não houvera ainda n'aquelle casal de pombinhos novos uma unica zanga.

E para que?

Elle levava-a aos passeios, aos theatros, aos bailes mais em voga, porque estava muito bem relacionado; fazia-lhe todas as vontades, realisava-lhe os mais pequeninos desejos, todos os caprichos, n'uma palavra, era doido por ella.

Tambem, se não fosse doido por ella não teria casado.

E ella, recompensava-lhe o seu amor o melhor possivel,

Se por acaso, quando elle chegava da repartição, porque é preciso dizer que, apezar de ter uns certos meios, não era d'esses que passam a vida a olhar para o ar, quando elle chegava da repartição, nos dias invernosos, coberto de lama, com os pés humidos; ella lá estava á espera d'elle, com os sapatos bordados que lhe tinha dado no dia dos seus annos, um calice de cognac quente, limão e assucar, para lhe fazer tomar, ajudava-lhe a descalçar as botas, e tinha por elle os maiores cuidados e desvelos.

Eram ambos a procurarem ver qual agradava mais um ao outro.

Elle tambem vinha sempre a horas razoaveis, ás 10, nos dias ordinarios em que não havia theatro, porque afinal, raras vezes elle ia ao theatro sem a levar.

As visinhas da escada chamavam-lhe os rolinhos do terceiro; e com razão

Quando elle saía de manhã para a repartição, ella ia sempre dizer-lhe adeus á janella, por entre os vidros, e elle, á esquina, fazia muitos gestos, e cumprimentava, e ria-se, eram uns verdadeiros namorados.

Havia apenas uma cousa que elle não podia supportar; era um defeito que ella tinha; defeito aliás muito desculpavel em quem trabalha tanto, porque ella trabalhava muito; era uma excellente dona de casa, e bem se sabe que para ser-se boa dona de casa, é necessario muito trabalho.

Mas o tal defeito, é que Ernesto não podia aturar.

Logo á noitinha, assim que eram oito horas, chegava-lhe o somno; e ella mostrava immediatamente desejos de se ir deitar.

Quando elle entrava ás 10 horas, já ella tinha dormido muito, e depois, se elle começava a conversar, ella dizia-lhe logo:

—Estou com muito somno, ámanhã ao jantar me contas isso.

E depois, ella tinha um somno muito pezado, mas muito. Era só ao jantar que elles conversavam, porque de manhã, elle almoçava a correr, para não faltar ao ponto na repartição.

A sogra e o sogro moravam alli ao pé, era só atravessar duas ruas; porque elle tambem tinha logo posto como condição separarem-se. Elle deixara a mãe e o pae, que moravam proximo, na rua paralella; e, portanto a mulher devia abandonar os seus.

Casamento, apartamento. É a ordem geral dos que se casam.

Os mezes iam-se passando, e elles nem davam por isso.

*
* *

N'essa noute, porém, como disse, Ernesto estava triste; o que era raro, porque elle tinha um caracter jovial, divertido, risonho até de mais ás vezes.

Os amigos que estavam com elle no café, já tinham reparado na sua tristeza.

—Não pareces o mesmo, mudaste?

—Homem, que tens tu?

Era o que perguntavam.

Elle não o podia explicar; estava nervoso; sim, era o nervoso, nem podia ser outra cousa; não tinha razões para estar triste; eram d'aquellas cousas inexplicaveis.

Pretextou umas dôres de cabeça, que precisava retirar-se; descançar, dormir; e sahiu, em direcção a casa.

Pelo caminho, veio a pensar no que teria. Tinha sido sempre muito robusto, forte, boa saude, o que seria?, o que não seria? Talvez bexigas, tinha assim a modos que febre, e depois, não admiraria muito que as tivesse; na cidade lavrava com intensidade grande epidemia, e elle nunca as tinha tido. É verdade que era vaccinado, mas isso não queria dizer nada.

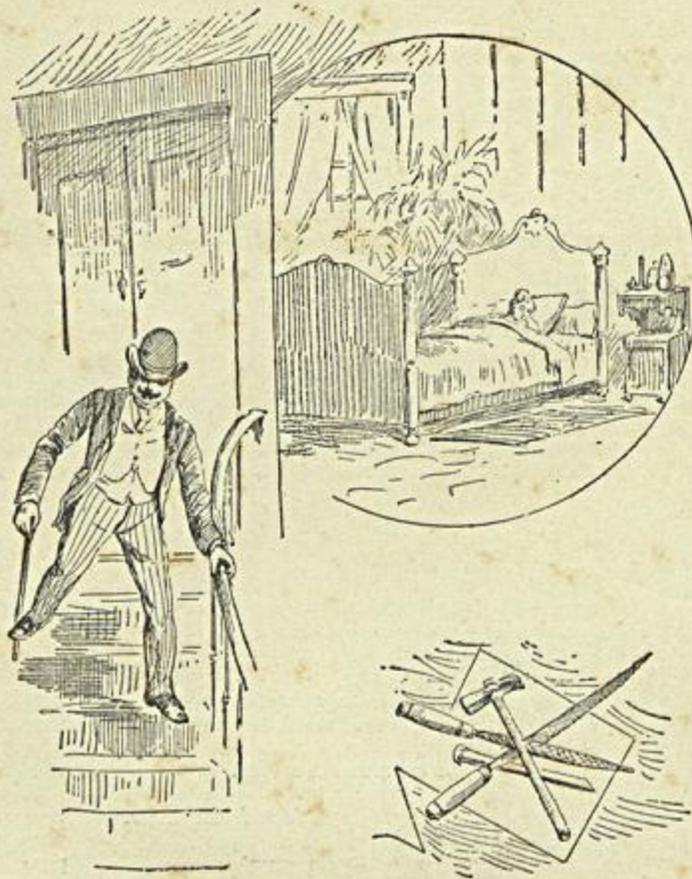
O que seria d'elle se tivesse bexigas?

Tinha que separar-se da mulher, porque não queria pegar-lh'as. Coitadinha, ficaria muito feia. Ella que tinha a pelle tão macia; cheia de covas,

e com a cutis aspera como uma lixa, seria horroroso!
Não, preferia ir tratar-se para o hospital; e depois, não havia de morrer.
Elle, não tinha duvida que ficasse feio.
N'um homem é sempre mais desculpavel.

*
* *

Ernesto vinha fazendo estes calculos pelo caminho, e foi-se approximando da casa sem o saber.
Não tinha dado por tal; não havia ainda um quarto de hora que estava no Martinho, e já se achava na calçada da Estrella! Tinha vindo a vapor; por isso é que elle estava com calor, transpirava, era um verdadeiro chafariz.
Pudera, o caso não era para menos.
Só a calçada da Estrella... e a *marche marche!*
Foi andando, andando, e chegou em frente da porta.
Tirou a chave do trinco, abriu, e subiu até ao terceiro depressa, galgando os degraus a dois e dois.
Bateu a primeira vez, devagarinho, para que fosse só a creada que o ouvisse; porque tinha receio que a mulher se sobresaltasse.
Esperou, mas nada; foi em vão; a creada não ouviu.
Talvez estivesse a dormir, tornou a bater, mais forte.
Nada, sempre nada, não obteve resposta.
De repente, lembrou-se que não tinha creada; a mulher tinha-a despedido de manhã; e já ao jantar tinham sido os dois quem haviam posto a meza, em grande festa.
Bateu de novo, mais forte ainda, silencio absoluto.
Não estava em casa; não restava duvida alguma.
Lembrou-se que talvez tivesse ido para casa da mãe; era o que tinha succedido; os sogros tinham vindo buscal-a; estava lá a cear.
Desceu a tres e tres os degraus e foi a casa dos sogros.
Bateu, tornou a bater; e, no fim de muito tempo, veio o sogro á janella, em camisolla, e com um casaco pela cabeça, a teritar de frio, perguntar quem era.
—Está cá minha mulher?
Não estava, nem lá tinha ido!
Não estava em casa, não estava em casa da mãe, então onde estava?
Só, não saia ella.
Ah! tinha ido para casa do pae d'elle, era o que era; estava lá.
Naturalmente elles é que a tinham vindo buscar. E Ernesto, desatou outra vez a correr. O suor corria-lhe em bagas pela testa, pudera, aquillo não era andar, era trote largo.
Chegou a casa do pae, mesma demora, veio a creada velha á janella, de touca de dormir.
—Está cá minha mulher?
Mesma resposta. Não estava, nem lá tinha ido!
Por um triz que elle não desmaiou.
Não estava lá tambem, fugira, era certo, aquelle amor, tudo mentira.
Tinha-o abandonado. Mas quem o havia de dizer, ella tão terna, tão meiga. Quem seria o feliz que ella havia seguido?
Mas não; ella não era capaz! E se a tivessem assassinado?
Havia tanto d'isso; os jornaes estavam cheios d'essas historias, verdadeiras ou não, mas o facto é que diziam que a cidade estava cheia de uma quadrilha de malfeitores.
Depois, como corria que elle tinha alguma cousa, eram capazes de terem ido para lhe roubar a casa, tinham presentido a mulher, e já se vê: estrangularam-a.
Pobre companheira, exclamára elle entre soluços.
Voltou outra vez a casa. Bateu, tornou a bater, metteu os hombros á porta, nada, não póde arrombal-a; estava fechada á chave por dentro.
Talvez lhe tivesse acontecido alguma cousa!
Talvez tivesse saído!! Mas só?
O melhor, era ir á policia; ahi sim, deviam saber.
Correu ao commissariado:
—Está cá minha mulher?
Disse o nome, a morada, a occupação, contou tudo.

Mandaram um policia com elle saber o que havia.
Chamaram-se todos os visinhos! Interrogatorios e mais interrogatorios!
O que tinha havido no terceiro andar? Crime, roubo? Nada se sabia.
Era melhor arrombar a porta.
—Um serralheiro, chamem immediatamente um serralheiro.
E lá voltou elle para a rua.
Desceu a quatro e quatro os degraus, e foi á procura de um serralheiro.
Correu, tornou a suar, por fim, lá encontrou um velho, e vieram os dois.
Toca a arrombar a porta, e zás, força, e martello, e lima, e serrote e escopro, e zás, afinal abre-se a porta, e Ernesto, louco de dôr, corre ao quarto da cama.

ESTÁ CÁ MINHA MULHER?

Especimen das gravuras do livro *Retalhinhos*, por Eduardo Coelho Junior illustrações de Alfredo Roque Gameiro

*
* *

Ella lá estava, deitada, com os cabellos caídos, a bocca meio aberta, uma expressão divina, physionomia ideal, mais bella do que nunca, dormindo profundamente!
Acordou-a, e em duas palavras contou-lhe tudo!
Ella disse-lhe que nada ouvira, estava pregada no somno!!!
E elle lá veio dizer a todos os visinhos, envergonhado, e ao policia, e ao serralheiro, que ficaram pasmados:
—Está cá minha mulher!!!!!

*
* *

No dia seguinte, Ernesto estava doente.
Tinha dôres no peito, e nas pernas principalmente.
Pudera. *Eduardo Coelho Junior.*

RESENHA NOTICIOSA

«Soirée» Com a epoca do theatro de S. Carlos principiaram em Lisboa as *soirees* e parece voltarmos áquelles tempos dos bailes dos marquezes de Vianna e aos de Penafiel, ou ás opulentas festas do conde de Farrobo que deixaram boa fama de si. A memoria d'essas festas aviva-se hoje com os brilhantes bailes dos srs. duques de Palmella, dos srs. condes de Burnay, dos srs. marquezes da Foz, dos srs. Anjos, e tantos outros da nossa primeira sociedade a que vem juntar-se o explendido baile que o sr. José Vianna da Silva Carvalho deu no seu palacio do Poço Novo em a noite de 28 de janeiro.
Foi uma das mais brilhantes festas a que temos assistido este inverno.
O palacio do sr. Vianna é uma habitação magnifica, com amplas salas mobiladas com muito gosto e que se prestam perfeitamente a grandes reuniões. A sala de baile é enorme e de grande belleza pelos estuques e relevos que ornamentam o tecto, de um valor artistico inestimavel como não conhecemos outro.
O baile principiou ás 10 horas com grande animação que se sustentou até ás 4 horas da madrugada, hora a que terminou o *cotillon* primorosamente dirigido pela Ex.ma Sr.a D. Maria Luiza Vianna e barão da Regaleira. O *cotillon* constou de quinze marcas interessantissimas, sendo uma das ultimas, as *pandeiretas* e castanholas que é de grande animação e effeito. As *pandeiretas* eram pintadas com graciosos desenhos feitos pela Ex.ma Sr.a D. Julia e D. Henriqueta de Castro e pelo sr. José Queiroz.
Viam-se alli lindos *toilettes* como os das Ex.mas Sr.as D. Eugenia Balsemão, D. Marianna Linhares de Serpa, D. Ernestina Iglesias Vianna, D. Gabriella Ferreira Pinto, D. Sophia Moser, D. Nazareth Centeno, D. Eugenia Pires, D. Maria de Castro, D. Julia de Castro, D. Maria Luiza Vianna, D. Henriqueta de Castro e D. Maria Aranha da Guerra Quaresma Vianna esposa do sr. José Vianna.
Entre os cavalheiros viam-se muitos titulares, politicos, escriptores e artistas.
O serviço de bufete foi magnifico e de aprimorado gosto.
Uma festa que deixou as mais gratas recordações pela animação que teve e pela amabilidade e gentileza com que os donos da casa receberam os seus convidados.

Companhia Argentina de Navegação Luzo Brazileira. É provavel que tenhamos em breve um grande melhoramento commercial, que virá estreitar mais os laços de amisade e de commercio que prendem Portugal á republica d'America do Sul.
O sr. Paulo Cardoso acaba de ser nomeado representante d'esta companhia junto ao governo portuguez, e tem envidado os maiores esforços para que o nosso commercio internacional com os paizes mais populosos d'America seja em breve uma feliz realidade.
Uma linha de paquetes a vapor, subsidiada pelos principaes estados commerciaes da Europa, levará osproductos da industria europea a Buenos Ayres, e ás principaes cidades d'America do Sul em troco das riquezas do seu solo e industria.

PUBLICAÇÕES

Retalhinhos. *Contos originaes* por Eduardo Coelho Junior, prefaciados por Julio Cesar Machado, illustrados por Alfredo Roque Gameiro, Livraria Portuense editora. Porto. 1888. É o primeiro livro de um jovem escriptor, uma promessa que nos alegra porque assim tem principiado muitos distinctos cultores da litteratura portugueza. Principia despertenciosamente, expontaneamente, sem esforço mal disfarçado de quem por muito querer imitar este ou aquelle auctor, ou apparentar uma feição original forçada, perde a sua individualidade. Assim sincero, contando o que sabe e o que observou e viu conforme o seu sentir, o auctor dá-nos umas paginas deliciosas de bom sabor portuguez, em que vivem os costumes populares da nossa terra, ou as scenas vulgares da vida na sua feição mais comica. Encontra-se nos *Retalhinhos* a lingungem pittoresca do povo, estudada ao natural, como no conto *Como e las se armam*, ou as scenas ridiculas da sociedade burgueza, como no conto *A Experiencia*. São simples esboços de grandes télas, que o auctor delineou sem arrependimentos, e que nem por isso tem menos valor. N'outro logar transcrevemos um conto dos *Retalhinhos*, com a gravura que o illustra, dando assim aos nossos leitores um especimen d'este livro, que se lê sem enfado, o genero pouco cultivado entre nós.

Adolpho, Modesto & C.a—IMPRESSORES
25 A 43—RUA NOVA DO LOUREIRO—25 A 43